



LÍNGUA E RESISTÊNCIA - posicionamento ideológico

LENGUAJE Y RESISTENCIA - posicionamiento ideológico

LANGUAGE AND RESISTANCE - ideological positioning

Cinthia Lemes¹

RESUMO: O presente artigo parte das considerações de Volóchinov (2019) sobre língua e literatura a fim de refletir sobre a língua portuguesa de Angola, o processo de formação de palavras, uso de sufixos, os neologismos e empréstimos linguísticos das línguas nacionais. O objetivo é analisar como alguns autores angolanos do período colonial usaram a palavra como signo ideológico e recurso de resistência. Neste trabalho, refletimos quais motivações esses autores tinham para esse posicionamento axiológico, diante das possibilidades da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Signo Ideológico, Neologismos; Empréstimos Linguísticos.

ABSTRACT: This article starts from Volóchinov's (2019) considerations on language and literature to reflect on the Portuguese language of Angola, the process of word formation, use of suffixes, neologisms and linguistic borrowing from national languages. The objective is to analyze how some Angolan authors of the colonial period used the word as an ideological sign and a resource of resistance and we reflect the motivations of the authors of the colonial period for this axiological positioning in relation to the possibilities of the language.

KEYWORDS: Resistance; Ideological Sign, Neologisms; Language Loans.

¹ Cinthia Lemes está com Doutorado em andamento em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2258-1796>. E-mail: cinthialemes@hotmail.com

RESUMEN: Este artículo parte de las consideraciones de Volóchinov (2019) sobre lengua y literatura para reflexionar sobre la lengua portuguesa de Angola, el proceso de formación de palabras, uso de sufijos, neologismos y préstamos lingüísticos de lenguas nacionales. El objetivo es analizar cómo algunos autores angolanos del período colonial utilizaron la palabra como signo ideológico y recurso de resistencia y reflejamos las motivaciones de los autores del período colonial para este posicionamiento axiológico con relación a las posibilidades de la lengua.

Palabras clave: Signo ideológico, neologismos; Préstimos de idiomas.

CONSIDERAÇÕES iniciais

O objetivo é analisar como alguns autores angolanos do período colonial usaram a palavra como signo ideológico e recurso de resistência. Conforme Volóchinov (2019), a palavra é o material do escritor e ela possui em si um poder, por seu caráter de não neutralidade. A palavra, matéria-prima para esse autor, já foi trabalhada por outros autores, e, cada um, segundo suas valorações e posições axiológicas diante a vida, deram significados diferentes para ela. Sendo assim, por causa da historicidade que ela carrega, o escritor tem a necessidade considerar as regras para o seu emprego e sua organização em um determinado gênero discursivo.

Volóchinov pergunta sobre a possibilidade do escritor de mudar ou criar regras. Isso seria possível? Ele afirma que para que o escritor entre para a história com “uma posição bastante séria e digna, é preciso compreender o que é a língua e a linguagem, as quais servem de material tão especial e peculiar para a criação literária.” Se não compreendemos a essência da língua e da linguagem, se não compreendermos seu lugar e seu papel na vida social, “jamais saberemos abordar corretamente aquilo que chamamos de estilística do discurso literário, isto é, a técnica de construção do objeto literário” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 238).

No caso dos escritores angolanos, para resistir ao colonialismo e à imposição da oficialidade da língua portuguesa no descarte a qualquer língua nacional, escolheram posicionar-se criando neologismos e fazendo empréstimos linguísticos dessas línguas nacionais. Fazendo valer o poder que uma palavra pode ter e transformar algo sem significado em um signo ideológico de uma luta.

À sua maneira e, por outras razões, também literatos brasileiros contribuíram para a formação de novas palavras e no processo de criação delas. Escritores do

Brasil como Guimarães Rosa, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, enriqueceram a variante linguística brasileira inspirou escritores angolanos como Luandino Vieira, Ondjaki, entre tantos outros, em diferentes gerações. As interferências que os autores brasileiros fizeram em seu campo literário agiram de modo positivo no campo literário de escritores estrangeiros que tomaram como exemplo suas obras.

Para esta presente reflexão escolhemos o livro de contos “*Luuanda*” de Luandino Vieira (2009) que é composto por três histórias: *Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos*, *Estória do ladrão e do papagaio* e *Estória da galinha e do ovo*. Para nossa análise escolhemos os dois primeiros contos da obra. Neles, o autor humaniza os moradores dos *musseques*², bairros humildes da capital de Angola, destacando o modo peculiar de ver a vida e, principalmente, dando destaque ao modo particular da fala corrente. Também abordaremos as reflexões de Volóchinov e Bakhtin para abordar a questão do autor, autoria, ideologia e resistência.

AS LÍNGUAS E OS GRUPOS étnicos de Angola

Em Angola, a língua portuguesa é a língua de unidade nacional e a língua materna das novas gerações. A população habitante desse país é, em sua maioria, de origem banta. O termo “banto” foi cunhado pelo linguista alemão Wilhelm Bleek³. Esse autor afirma que a população angolana era composta por cerca de cem grupos etnolinguísticos de origem banto, agrupados em nove: “Ambos, Bacongós, Hereros, Lunda-Tchoukué, Nganguelas, Nhanecas-Humbes, Ovimbundos, Quimbundos e Xindogas” (SILVA E MENEZES, 1996, p. 93).

Apesar do colonialismo e das ações dos portugueses no país, a distribuição espacial das etnias permaneceu inalterada. A alteração se deu com a migração de alguns povos para cidades grandes como Luanda, por exemplo, fato que ocorreu no

² *Musseques* – bairro com casas feitas de maneira irregular na região de Luanda. O dicionário Infopedia traz as seguintes definições: 1. terrenos arenosos à volta da cidade de Luanda; 2. bairros suburbanos de Luanda ocupados por população com menos recursos.

³ Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek, linguista, antropólogo e fotógrafo alemão, publicou uma obra chamada “Gramática Comparativa de Línguas Sul-africanas.”

período de guerras e de pós-independência. Sobre os grupos bantos, assim se manifesta Redinha:

Relativamente aos nove grandes grupos, e em explicação de certas diferenças que os acompanham, é natural que uma vida de relação etnocêntrica, originando tendências hereditárias, se tenha manifestado em traços de constituição genética, senão próprios, pelo menos relativamente individualizados, e, com elas, distinções linguísticas, e comportamentos mais ou menos exclusivos. Daí, sobre um fundo de cultura generalizada, surgirem aspectos individualizantes ou de personalidade modal que os diferenciam entre si. (REDINHA, 1975, p. 09).

Com a diversidade linguística, o ato de falar e conviver de várias línguas simultaneamente, conceitos como língua materna, língua oficial e nacional são comuns. Em um país multilíngue, há sempre uma língua majoritária que acaba ganhando um prestígio social maior do que as demais e isso depende da posição social que ocupam seus falantes e, em Angola, a língua nacional mais prestigiada é o quimbundo, segunda língua mais falada, originária da região que hoje é a capital do país (Luanda).

Muitos angolanos são bilíngues e convivem com o multilinguismo. Conforme definições, o termo bilíngue refere-se a um falante que é capaz de expressar-se em duas línguas tendo a equivalência linguística nelas. Sobre o bilinguismo Albuquerque (2012) comenta que a exposição de duas línguas ao mesmo tempo no caso de pai e mãe de uma criança serem de etnias diferentes, nesse caso, a criança é exposta a duas línguas e “tem a possibilidade de empregá-la sem restrições no ambiente familiar.” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 04). É comum, portanto, muitos angolanos entender várias línguas nacionais.

Em um estudo comparando a situação linguística de Angola e de Moçambique, Petter (2009) afirma que em “África, embora seja língua oficial, que é utilizada na administração e no ensino, o português é adquirido, prioritariamente, como segunda língua, que tem por modelo a variedade europeia.” (PETTER, 2009, p. 203). Nesse ponto, é importante apresentarmos os conhecimentos da Sociolinguística que estuda como as pessoas de diferentes níveis sociais usam a linguagem na sociedade e nas várias situações comunicativas. Conforme Travallo,

Em toda a comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TRAVALLO, 1997, p. 08)

Em especial ao processo de formação de palavras em Angola, as variações linguísticas relacionam-se com toda a herança cultural recebida pelas pessoas. No que se refere à cultura, a língua seria a representação das experiências humanas de modo específico, sendo atualizada constantemente pelo falante, segundo os recortes linguísticos que ele faz.

O neologismo é o fenômeno linguístico que consiste na criação de palavra, expressão nova, ou, ainda, na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Ele resulta de necessidades comunicativas, surgindo da dificuldade do falante não encontrar na língua a palavra adequada para expressar suas ideias. Para essa criação, o usuário utiliza-se dos processos de formação de palavras que ele conhece, por fazerem parte de sua gramática internalizada. Daí a relevância deste artigo, que objetiva mostrar como palavras novas incorporaram-se ao português angolano, dando uma feição própria ao seu léxico, tendo como foco os processos de formação de palavras em obras literárias. Alves (2002) lembra que, nos neologismos por empréstimos, “o estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a ‘cor local’ do país ou região estrangeira a que ele faz referência.” (ALVES, 2002, p. 70-1).

Existem dois tipos de neologismos: o de forma e o de sentido. O neologismo de forma ocorre quando uma palavra vem de outro idioma gerando agregação desses novos vocábulos na língua como, por exemplo, as palavras de língua inglesa ‘mouse e e-mail’ que foram incorporadas ao português do Brasil e as palavras *musseques* e *cubata* que foram incorporadas ao português de Angola da língua quimbundo. No caso do neologismo de sentido é aquele em que as palavras já existem na língua, ganham outros sentidos quando postas para descrever uma nova ação do homem.

As palavras neológicas se fixam na língua por questão de necessidade e uso. Quanto mais os falantes de uma língua usam uma palavra estrangeira para designar algo em uma situação linguística específica porque não existe nenhuma outra correspondente em seu idioma, mais essa palavra tende a permanecer e a fazer parte da variedade linguística daquele país depois de um tempo. Algumas palavras surgem em momentos específicos da história e depois de um tempo desaparecem e quase ninguém mais se lembra delas, como é o caso de palavras que surgem por consequência de um movimento político, histórico ou literário.

Outro seguimento dos neologismos são as gírias. Elas são empregadas por determinados grupos sociais em linguagem cotidiana ou popular proferindo identidade a um grupo. São fenômenos da língua que podem durar anos ou podem durar apenas o período de um programa televisivo, como por exemplo, na novela, quando estiver vinculada à fala de um personagem ou de uma geração. Não há uma regra para que elas surjam e acompanhem a todas as gerações, classes sociais e até profissões. Elas podem, após um tempo de uso, quando se tornaram comuns a quase todas as pessoas, ser incorporadas à língua e dicionarizadas. Um exemplo do que aconteceu no português do Brasil é em relação ao léxico “legal” que anteriormente era apenas uma gíria utilizada por um determinado grupo, que foi passando a outros; o vocábulo foi dicionarizado, não é mais considerado algo informal, pois passou a fazer parte da maioria dos grupos ou classes sociais brasileiros.

Podemos refletir que por força do hábito (referindo ao umbundo), os vocábulos, embora se apresentem no singular, formam o plural hibridamente. Quer dizer: tomam simultaneamente as flexões da língua de que foram originados e do português e “os regionalismos, quando integrados na língua a que se associam neste caso, a portuguesa, obedecerão às suas leis, à estrutura que a modela”. (RIBAS, 1994, p. 03). Ribas (1994) dá exemplos de vocábulos que existem na língua portuguesa de Angola tanto utilizando o plural no original quanto obedecendo à gramática da língua portuguesa como nas palavras a seguir: *rimbondo* (singular), *marimbondo* (/ -ma/ prefixo de plural na língua quimbundo) ou *rimbondos* (plural segundo as regras da língua portuguesa), mas isso não significa que pluralizem só a portuguesa, tendo, portanto, “uma forma de pluralização híbrida que só é adaptada pelo nativo evoluído que domine o vernáculo”. (RIBAS, 1994, p. 02).

Esse mesmo autor acrescenta que “no tocante à intensidade do som a pronúncia pautada, ou talvez, a acentuada, entendemos que os nomes comuns graves, quando em lento português, como *fúngi* (massa de fubá), *tuji* (excremento) devem ser acentuados para uma correta leitura”. (RIBAS, 1994, p. 03). Já a maioria dos nomes próprios, que mantêm a sua vestimenta sônica, permanecem imutáveis: Fusa, Kituxi, Koteru. Há muitas pessoas que não gostam da mistura da língua portuguesa com as línguas nacionais, no entanto,

Se por excessivo nacionalismo tivéssemos a velocidade de repor as palavras, tal como antes da colonização, prejudicaríamos o trabalho linguístico obtido, pois não nos devemos esquecer de que a língua, qualquer que seja, é dinâmica, constantemente recebendo a influência de fatores diversos, quer humanos, quer geográficos. [...] Como os adjetivos são uniformes, de igual modo transitaram para a linguagem

portuguesa. Assim, diz-se: um homem *quitoco*, uma mulher *quitoco* (um homem elegante/ mulher elegante). Contudo, os nomes já aceitos pelo colono, adaptaram-se às leis da sua gramática. (...). Outro tanto aconteceu com os numerosos substantivos: um/ uma *candando* (um marreco ou uma marreca)”. (RIBAS, 1994, p. 04).

Voltando a Volóchinov (2019), observamos a reflexão das escolhas que uma pessoa precisa fazer para compor a sua obra e que elas ultrapassam a escolha de uma simples temática. Caminhando no sentido de confirmação da sua posição ideológica frente a uma língua. Ele comenta que existem algumas dificuldades as quais os escritores enfrentam que formam dois grupos: o primeiro, relacionado à própria língua, diz respeito à escolha das palavras; o segundo se relaciona com a disposição das palavras ou à composição da obra. Escolher se vai fazer uma derivação ou construir um neologismo, ou, ainda, se fará um empréstimo linguístico, isso pode parecer algo fácil, mas também pode custar tempo e esbarrar na questão da inspiração.

O estudioso aborda a questão do escritor e sua obra composicional, mas também aborda a questão dos falantes, pois eles de igual modo fazem escolhas que reafirmam os grupos sociais aos quais eles pertencem, também se colocam de um modo axiológico diante a uma temática e diante do mundo, mostrando o seu posicionamento ideológico de acordo com uma situação discursiva. É o que acontece em todos os lugares e em todas as línguas.

67

LÍNGUA E RESISTÊNCIA - contextualização

Luandino Vieira⁴ (2009) fez parte de um grupo chamado de novos intelectuais que lutavam por mudanças socioeconômicas e que colocavam temas para ser discutidos pela população. A infância e adolescência do autor foram passadas em *musseques* (Braga, Makulusu e Quinaxixe). Esses espaços deixaram marcas no

⁴ Na década de 60, o escritor foi preso em Tarrafal de Santiago, campo de concentração no Arquipélago de Cabo Verde, por militar contra a ditadura colonial. Apenas em 1974, ano da Revolução dos Cravos, o autor retornou a Angola. Segundo Chaves (1999, p. 161), Luandino Vieira estava envolvido com um “sem-número de atividades (direção da Televisão Popular de Angola, do Instituto de Cinema e da União dos Escritores Angolanos, para citar algumas), Luandino assim explica e procura justificar a interrupção de sua produção literária.”

autor que se identificava com a cidade de Luanda. A obra escolhida para análise é da década de 1960, período de início de lutas pela independência do país.

Em relação à língua portuguesa, Luandino

foge à convenção do colonizador e estabelece um padrão novo de escrita, centrada primordialmente numa estética irreverente, guiada pela submissão aos procedimentos gramaticais consagrados. Em lugar da imitação dos modelos cunhados na metrópole, ergue-se uma fala “libertina” que faz lembrar as propostas dos modernistas brasileiros encantados com a criativa coloquialidade da língua utilizada pela gente comum de nossa terra. (CHAVES, 1999, p. 167).

Desse modo, o autor se apropria da maneira de falar das pessoas dos *musseques*, não como um projeto pessoal de negar a língua portuguesa imposta pelo colonizador, mas de mostrar o modo livre e afirmativo das pessoas.

Em Luandino, a ausência de alguns nexos subverte a sintaxe convencional, demolindo paradigmas do “bem falar” da língua do outro.” Ou seja, ao misturar no léxico expressões em quimbundo e impor à gramática certo desalinho, decorrente da mesclagem de estruturas, o falante angolano exercita a sua capacidade de transitar entre dois códigos numa demonstração de competência. (CHAVES, 1999, p. 169).

Contextualizando o espaço e tempo de Luandino Vieira, destacamos que *Luuanda* (2009) insere-se no período do início das revoltas populares contra o regime colonial de 1961. Com essa luta, as pessoas começaram a sair do meio rural e foram para o meio urbano em busca de melhores condições de vida. Com a falta de moradia e os preços dos aluguéis de casa muito altos, as pessoas construía residências precárias, sem nenhuma organização urbana, em regiões consideradas pobres. O autor observou de perto o sofrimento das pessoas que não tinham empregos dignos e passavam constantemente fome. A importância do autor e a legitimidade de seu texto estão justamente no conhecimento de causa que ele possui por ter acompanhado a situação dos mais humildes.

Em 1961, o cenário de Angola estava complicado, com vários interesses sendo discutidos e vários movimentos surgindo para defendê-los. Esse ano foi de ajuste de contas em Angola, pois despertou toda a população rural, que percebeu a quantidade de injustiças que existiam em seu país. Para os portugueses, 1961 foi o ano em que a tranquilidade para eles estabelecida, perdeu-se o equilíbrio; foi o ano no qual minou o poderio dos colonos sobre aquela nação. Aconteceram vários ataques e começaram as perseguições contra portugueses e seus descendentes.

LUUANDA - descrição

“Luuanda” é um livro composto por três histórias: a primeira história é a narrativa de um adolescente chamado Zeca Santos que vive com sua avó e relata o drama em conseguir um emprego. O rapaz é muito vaidoso e, embora não tenham nada para comer, quando ele recebe algum dinheiro dos pequenos trabalhos que arranja, gasta com roupas para impressionar as moças. Ele comprara para si uma camisa “amarela de desenhos de flores coloridas, essa camisa amarela que tinha-lhe custado o último dinheiro e provocado uma grande maca com vavó” (VIEIRA, 2009, p. 15).

A narrativa toda gira em torno da busca pelo trabalho do rapaz e do fato de a avó e o neto passarem fome. Zeca sai algumas vezes para procurar emprego, mas, porque pertencia a um bairro não muito bem-visto e por seu parentesco, não consegue. Ele se apaixona por uma moradora do *musseque* que se envolve com outro rapaz morador do mesmo lugar que tem mais condições que Zeca. O menino fica triste com a situação e se empenha com mais afinco na caçada pelo emprego, mas se frustra logo em seguida. A única colocação que ele consegue é a de carregador de sacos (*monangamba*) ganhando miseravelmente pelo serviço. A história acaba de um modo brusco e sem perspectiva de mudança da situação social, com o diálogo de Zeca e sua avó após o rapaz haver perdido a possibilidade de ter um relacionamento com a sua amada Delfina. A fome continua a reinar naquela *cubata* (casa) e o desemprego também.

A segunda história é de um homem que rouba seis patos de um sítio em uma noite e é preso por um *cipaio*. É um relato do encontro de três marginalizados (dois angolanos e um cabo-verdiano) na cadeia: XicoFuta, aquele que sabe das coisas, Garrido Fernandes, aleijado de paralisia infantil, e Lomelino dos Reis, que tem mulher e dois filhos e rouba patos porque “não o autorizam a um trabalho honrado”. Os três descobrem o valor da solidariedade para escapar da situação desesperadora em que vivem. Há um foco no cajueiro do *musseque* que aparentemente é o único elemento que dá vida para o lugar e o autor descreve-o da seguinte forma:

um pau velho e bom, quando dá sombra e cajus inchados de sumo e os troncos grossos, tortos, recurvados, misturam-se, crescem uns para cima dos outros, nascem-lhe filhotes mais novos, estes fabricam uma teia de aranha em cima dos mais grossos e aí é que as folhas, largas e verdes, ficam depois colocadas, parece são moscas mexendo-se, presas, o vento é que faz. E os frutos vermelhos e amarelos são bocados de sol

pendurados. As pessoas passam lá, não lhe ligam, veem-lhe ali anos e anos, bebem o fresco da sombra, comem o maduro das frutas, os *monandengues* roubam as folhas a nascer para ferrar suas linhas de pescar e ninguém pensa: como começou este pau? Olhem-lhe bem, tirem as folhas todas: o pau vive (VIEIRA, 2009, p. 59, grifos do autor).

O cajueiro é um símbolo da MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), que indica a resistência, ainda que no meio da destruição. Esse ideal de resistência está bem explícito no seguinte trecho do conto:

Fiquem malucos, chamem o tractor, ou arranjem as catana, cortem, serrem, partam, tirem todos os filhos grossos do tronco-pai e depois saiam embora, satisfeitos: pau de cajus acabou, descobriram o princípio dele. Mas chove a chuva, vem o calor, e um dia de manhã, quando vocês passam no caminho do cajueiro, uns verdes pequenos e envergonhados estão a espreitar em todos os lados, em cima do bocado grosso, do tronco-pai. (VIEIRA, 2009, p. 59-60)

Podemos perceber no texto também a preocupação do autor quanto aos verdadeiros sentimentos de apego aos costumes e à tradição, quando se recomenda que se deve começar pelas coisas da terra, "costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos casos, das conversas" (VIEIRA, 2009, p. 61). Nesse sentido, o escritor reflete sobre princípios para a construção da identidade nacional, a formação da personalidade na vivência familiar e no grupo étnico, bem como pela educação.

Também há no conto o fato de o português ser visto como uma língua apenas de trabalho pelos luandinos: quando as pessoas queriam excluir os falantes da língua portuguesa, usavam o quimbundo. O exemplo disso está no trecho a seguir, quando o auxiliar da prisão está conversando com um dos personagens, ele fala e cumprimenta em português, mas depois passa a usar a outra língua:

Nem *uazekelekié-uazekakiambote*, nem nada, era só assim a outra maneira civilizada como ele dizia; mas também depois ficava na boa conversa de patrícios e, então, aí o quimbundo já podia se assentar no meio de todas as palavras, ele até queria, porque para bem-bem português não podia, o exame da terceira é que estava lhe tirar agora e por isso não aceitava falar português de toda a gente, só queria falar o mais superior. (VIEIRA, 2009, p. 50)

O autor mostra por meio do segundo conto como as pessoas viam a língua portuguesa em 1961: "Dosreis não gostava falar com os amigos e só foi explicando melhor, baralhando as palavras de português, de crioulo, de quimbundo, ele sozinho é que tinha entrado lá, agarrado os bichos para o saco e tudo" (VIEIRA, 2009, p. 53). O que se pode ver nessa citação é que a língua portuguesa era uma língua

veicular, mas não era bem quista pela população no geral. Esse povo que não tivera acesso aos estudos, e, antes de 1960, poucas eram as pessoas que sabiam ler. A educação não era para todos e sim para uma minoria que fora educada para manter o sistema colonial de organização político-econômica do país.

LUUANDA – análise

Para fazer a análise das obras, convencionamos que destacaremos o trecho e, em seguida, faremos a sua citação. Em negrito estão as palavras que destacaremos para fazer a análise e, assim o fazemos, para facilitar a leitura. As primeiras aparições no livro corresponderiam ao empréstimo linguístico ou neologismo de forma: “Primeiro, um vento raivoso deu berrida nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do **Kuanza**. Depois, ao contrário, soprou-lhes do Kuanza para cima da cidade e do **Mbengu**. (VIEIRA, 2009, p. 11). Contextualizando essa passagem, temos que as pessoas reclamam a falta de chuva que há dois meses não cai na região. As palavras em destaque fazem parte da composição geográfica de Angola; sendo a primeira, o nome de um rio muito extenso e a segunda, uma cidade. O rio Kuanza fica ao norte de Luanda e está a aproximadamente a 200 km de distância. O nome desse rio também é dado à moeda nacional, apesar de sua grafia ser diferenciada: Kwanza. Já a região de Mbengu, é uma aldeia, lugar de pessoas humildes vindas a maior parte de regiões rurais de Angola.

71

No segundo trecho, “Na hora que Zeca Santos saltou, empurrando a porta de repente, e escorregou no chão lamacento da **cubata**, **vavó** pôs um grito pequeno, de susto, com essa entrada de **cipaio**.” (VIEIRA, 2009, p. 13); aparecem na passagem as palavras *vovó* ou *vavó* e *cipaio*. As palavras *cubata* e *cipaio* são empréstimos linguísticos: a primeira palavra é originada da língua quimbundo e significa, casa. No caso da palavra *cipaio* é um termo que foi incorporado à língua portuguesa com as viagens dos portugueses as Índias. Originalmente, em híndi, a palavra era escrita como *shipahi* e, nas Índias, designava os soldados hindus que serviam no exército britânico; na África, a palavra designava soldados da cavalaria e soldados locais.

O vocábulo “vavó”, de origem quimbundo, ocorre a prótese, que é o acréscimo de um fonema no início de uma palavra, ao termo avó. Esse acréscimo (fonema [v] expressa o modo afetivo do neto de se referir à sua avó. Na descrição, o autor compara a ação do menino ao entrar de um modo brusco dentro de casa à de um soldado do MPLA que não pedia licença para as pessoas, e nem eram cordiais

naquela época. Logo, criou-se uma palavra típica do português angolano pela alteração da estrutura da palavra portuguesa.

No fragmento a seguir: “Nem **maquezo** nem nada! **Aiuê**, minha vida! (VIEIRA, 2009, p. 14), aparece o vocábulo *maquezo* designa uma espécie de pasta que se mastigava pela manhã, feita à base de cola e gengibre; A interjeição “aiué”, dependendo da entonação, pode significar surpresa, alegria, zombaria, pena ou sofrimento. No caso da frase acima significa sofrimento. É uma interjeição muito usada para se lamentar a respeito de algo. Ambos são casos de empréstimos linguísticos no português de Angola, caracterizando-se como outro caso de neologismo de forma.

Nos seguintes trechos enumerados a seguir:

- 1) É dezembro, calor muito; seu homem, Bastos Ferreira, mulato da antiga família de condenados, saiu já dois quinze dias para negociar no mato perto, acompanhando grande fila de **monangambas**, fazendo caminho a pé com os empregos dele.
- 2) **Sukuma!** Mas ninguém mesmo que me diz quando vai sair, nem nada.
- 3) - De Catete, hem?! **Icolibengo?** Calcinhas e ladrões e **mangonheiros!** e,
- 4) O miúdo vai fazer **mangonha**, eu é que vou lhe carregar o resto dele. (VIEIRA, 2009, p. 19, p. 21, 29, p. 33, respectivamente)

No fragmento um, a palavra “monangambas” significa pessoa que se dedica a todo trabalho pesado como o carregador, o serviçal e o estivador. A expressão era bastante utilizada na época do colonialismo e referia-se a pessoas que executavam trabalhos pesados, eram explorado e tinham uma subvida, semelhante à de um escravo. Ela é de origem quimbundo sendo um empréstimo linguístico, do tipo neologismo de forma. Também é um neologismo de forma a a expressão “sukuma!” que é uma interjeição que significa: poça! caramba! porra! Ela é muito utilizada na coloquialidade e não existe nenhuma alteração de seu idioma original, o quimbundo, caso representativo de um empréstimo linguístico, considerado como neologismo de forma.

Já no terceiro trecho, a palavra “Icolibengo” é a pessoa natural de Icolo e Bengo, região próxima a Luanda. Seu processo de formação é a composição por aglutinação, uma vez que termo icolo, na constituição da nova unidade, sofre alterações em sua estrutura interna. Já a palavra “mangonheiros” vem de “mangonha” que significa preguiça. “Mongonheiros” seria, portanto, uma

derivação sufixal, na qual se acrescenta o sufixo **–eiro** originado da língua portuguesa à palavra da língua quimbundo, representando os homens preguiçosos.

Vemos que Vieira percebe a apropriação da língua portuguesa pelos moradores dos *musseques* que acrescentam sufixos às palavras nacionais. Outro fenômeno simular acontece no trecho a seguir:

Nessa hora de quase cinco horas as folhas **xaxualhavam** baixinho e a sombra estendida estava boa, fresca, parecia era água de **muringue**. Sentado nas pedras negras do fumo, Zeca Santos esperava Delfina mirando ansioso, a porta da fábrica. Tinha combinado com a pequena, nesse dia ela ia pedir mais cedo, iam dar encontro, Zeca queria adiantar essas falas do baile de sábado. Delfina **merengara** muito bem com ele e quando o conjunto, depois, rebentou com a música do “Kabulu”, ninguém mais lhes agarrou, quase o baile ia ficar só deles os dois, toda a gente parada a assistir-lhes, vaidosos e satisfeitos. (VIEIRA, 2009, p. 30)

Nesse fragmento, a palavra xaxualhar que é um verbo que descreve o barulho que o vento faz ao agitar as folhas. Essa palavra é de origem quimbundo e seu processo de sua formação no Português de Angola é por onomatopeia sendo a imitação do som do vento é reproduzida pela repetição do som consonantal [j] (xê) e pela presença do som consonantal [λ] (lhê) e pela oposição entre os sons vocálicos [a] e [a^w], conjunto sonoro que recria o som do vento em movimento. Ainda sobre o trecho anterior, encontramos a expressão, “água de muringue”, em que “moringue” é uma bilha de barro para refrescar a água, daí o significado de água fresca. Essa palavra vem do quimbundo *muringi* e no Português Brasileiro originou a palavra “moringa”. No Português de Angola pode ser considerado um empréstimo linguístico, dada a proximidade com o termo original. No contexto da história, destaca-se que a água era um bem precioso para aquela população que estava há dias vivendo a seca pela falta de chuvas.

“*Merengara*” é um neologismo que vem do substantivo merengue que seria um doce feito à base de ovos. No contexto, a moça se “deliciara” com o rapaz, ou seja, dançara com ele e se divertira ao som de Kabulu⁵.

Vavó Xíxi **muxoxou** na desculpa, continuou varrer a água no pequeno quintal. Tinha adiantado na **cubata** e encontrou tudo parecia era mar: as paredes deixavam escorregar barro derretido; as canas começaram aparecer; os zínco virando chapa de assar castanhas, os furos muitos. (Vieira, 2009, p. 13); E despede-o com um **muxoxo**,

⁵ Sobre grupo musical, nenhuma referência foi encontrada, apenas em outras obras do próprio autor como no livro *Nós, os do Masuluku*.

a conversa com esse homem pode ser de perigo se lhe dá confiança, o rapaz tem fama. (VIEIRA, 2009, p. 20)

No trecho apresentado acima, aparecem as palavras *muxoxou* e *muxoxo*. Segundo o glossário feito por Luandino Vieira, *muxoxar* significa fazer um ruído de desprezo, indiferença com os dentes e os lábios. *Muxoxo* pode também significar a ação de dar um beijo em alguém ou ser um resmungo. No trecho escolhido, *muxoxou* representaria o fato da Vavó Xixí ter resmungado uma desculpa a seu neto; a continuação a palavra *muxoxo* significa beijo. *Muxoxou*, *muxoxo* e *cubata* são palavras oriundas da língua quimbundo, mas a primeira é derivada da segunda, ou seja, de *muxoxo*, surgiu o verbo *muxoxar*.

Ri os dentes brancos dela, parece são conchas, **xuculula-lhe**, mas não é raiva nem desprezo, tem uma escondida satisfação no fundo desse revisar dos olhos bonitos e, no fim de semana, aponta a esteira, quase séria: - Brinque com Joãozinho, Abel! Se Bastos Ferreira sabe as suas palavras... você, Abelito, vai sujar as calças! (VIEIRA, 2009, p. 20)

No trecho anterior, aparece o verbo *xuculular* que descreve o barulho que o vento faz nas folhas ao passar por elas. A palavra *xuculular* é uma derivação sufixal acrescentando-se a desinência verbal à palavra de origem africana e o pronome indireto “*lhe*” como a regra na língua portuguesa de próclise.

Para os lados do colégio das mães o sino começou tocar devagar e o sol, na hora de dar **fimba** no mar, descia vermelho e grande. O vento a soprar, brincalhão, nos troncos dos paus, trouxe nas orelhas dele, doloridas da chapada, o grito de Delfina, lá de baixo, do princípio do morro, só as cores bonitas do vestido de chita é que se viam bem no meio das folhas: - Não tens vergonha, seu merda?! Estás magrinho parece és bordão de **ximbicar!** Até faz pena! (VIEIRA, 2009, p. 37-8).

A expressão dar *fimba* no mar significa mergulhar. É uma palavra de origem quimbundo representando um empréstimo linguístico. Já a palavra *ximbicar* vem da palavra *ximbica* que é um cordão para prender embarcação, fino, mas forte. Da palavra *ximbica*, originou-se um verbo de primeira conjugação.

Mano Maneco comia, sorria, o trabalho de muitas horas pusera-lhe fome grande, mas não parava de falar as pequenas, os bailes, a motorizada **cadavez** ia lhe comprar mesmo lá no serviço, mas Zeca mirava só os dentes do amigo, amarelos também do azeite, os beijos brilhantes de gordura, e nem que falava, ele mesmo, Zeca Santos, que só sabia esses assuntos de farras e pequenas! Só que a força da barriga é muita e, na hora das bananas, não conseguia aguentar. Aí a voz do caniço, falou fingindo não estava dar importância: - Banana, sim. Fruta eu não tive tempo de comer. O **maximbombo**, sabe, Maneco. (VIEIRA, 2009, p. 26)

“Maximbombo” é um veículo que pode ser desde um ônibus de viagem que leva muitos passageiros até as populares “lotações” do Brasil que levam menos passageiros. É um empréstimo linguístico da língua quimbundo já citada aqui nos outros trechos analisados. No trecho, aparece ainda a palavra “cadavez” que embora tenha o mesmo significado que no português do Brasil, na obra ela não é grafada na mesma forma podendo ser uma opção estilística do autor em fazer uma representação do modo rápido de falar dos angolanos. Dessa forma, o autor acabou compondo uma palavra nova, ou seja, ele formou uma palavra por justaposição, dado que as palavras que se uniram não sofreram alterações em sua estrutura.

Nessa hora em que deram entrada aí na loja e Maneco cumprimentou sô Sá pedindo dois almoços, o que custou em Zeca foi aquela mentira que saiu **logo-logo**, nem mesmo que pensou nada, nem ouviu ainda o bicho do estômago a reclamar, só a vergonha é que começou as palavras que arrependeu depois: (VIEIRA, 2009, p. 25)

No trecho, aparece uma palavra que é formada pela repetição: “logo-logo”. Seria outra forma do autor em representar a fala do cotidiano. A palavra acabado obtendo o significado de rapidamente e assumindo a função de um advérbio no contexto.

Cheio de sono, os olhos vermelhos pareciam era tinha fumado **diamba**, deixou as más à toa revistarem o homem, resmungando, xingando só para ele ouvir. Dosreis nem que mexia nada; quieto, os braços em cima da cabeça, no coração a raiva desse **sungaribengo** do Garrido aumentava, crescia, arreganhava. Apostava quem queria, jurava mesmo, sabia, coxo tinha-lhe queixado... (VIEIRA, 2009, p. 46)

Ambas as palavras são de origem quimbundo, sendo que **diamba** é a erva da maconha, *marijuana* e, “**sungaribengo**” é a palavra que denomina mulato, mestiço. O fato de essas palavras ainda estarem sendo utilizadas em 2002 com muita frequência, significa que elas já foram incorporadas ao português angolano, mas são empréstimos.

Com receio, primeiro coisas à toa que não mostravam o que ele queria; depois, os casos da vida sem descobrir trabalho de trabalhar mesmo, só uns biscates nos amigos, arranjar sola rota, tomba, salto, e, quando lhe deixavam, também ia nuns serviços de noite, aí não adiantava ajuntar umas **macutas**. (VIEIRA, 2009, p. 66-7)

Macutas significa dinheiro, era a antiga moeda de Angola, antes de ser *Kwanza*. A macuta foi feita a primeira vez de cobre e possuía os seguintes valores: ½ macuta, ¼ macuta e 5 réis, atribuindo-se a cada *macuta* o valor de 50 réis. Depois, foram cunhadas macutas de prata de diversos valores. Apesar dessa moeda, por falta dela, a economia até 1864 era baseada na permuta de objetos. A atual moeda

nacional foi emitida pela primeira vez em 1976 no pós-independência. Desde essa época, foram acrescentadas à palavra Kwanza outras nomenclaturas simbolizando as reformas econômicas pelas quais passou o país, ou seja, o Kwanza durou até o ano de 1989 sendo substituído pelo Novo Kwanza que durou de 1990 até 1995, seguido pelo Kwanza Reajustado (1995 a 1999) até a moeda atual que é o Segundo Kwanza.

Garrido tinha jurado, nessa hora quando veio, ia sair com resposta de sim ou não. Se sim, para dormir na cama dele; se não, nunca mais lhe falar e procurar matar o quissonde que lhe ferrava no peito. Por isso não desistiu logo-logo, continuou a conversa a conversa dele, mas mais nada que podia voltar ao princípio. (VIEIRA, 2009, p. 68)

“Quissonde” significa formiga vermelha, grande e agressiva, é um empréstimo linguístico da língua quimbundo. Essa formiga é uma das mais temidas entre os africanos porque ela é venenosa. Ela tem em média de 3 a 4 cm. No livro “Angola – 11 meses de cativo”, há um relato de que os sequestrados pelo movimento FLEC (portugueses e um angolano) foram picados pela formiga quissonde e tiveram muita febre e até alucinações, sua mordida é muito dolorosa.

76

CONSIDERAÇÕES finais

Com esta reflexão podemos verificar a variação da língua portuguesa em 1960 e o seu uso pelos moradores dos *musseques*. Em relação à linguística, encontrar material que estude as particularidades das variantes linguísticas de Angola: não é fácil, pois poucas são as pessoas que trabalham com linguística no país. Um outro fato é que a diversidade linguística existentes é grande, mas como há poucos estudos, essas línguas podem desaparecer se não forem feitos gramáticas e dicionários dessas línguas. Algumas línguas nacionais já estão dicionarizadas e possuem as suas gramáticas como é o caso do *quimbundo* e o *fyoté*, mas, em vista do número de línguas, ainda há muito o que fazer.

Aqui discutimos a luta de um povo para conseguir a sua independência e a conquista da identidade nacional. Muito das transformações na língua portuguesa de Angola foi condicionada pela resistência ao modelo de cultura e de língua que até a independência os angolanos haviam recebido de seu colonizador, então, inserir palavras, estruturas gramaticais e/ou a entonação das línguas nacionais à língua portuguesa era tornar mais nacional a imposição de aceitação de uma língua oficial.

O fato de os angolanos concordarem com a oficialidade da língua como objetivo de se manter a paz entre as etnias, não queria dizer que cada um não pudesse deixar a língua do seu jeito, mais angolana e os escritores, muito sábio, fizeram um recorte para que víssemos o movimento de resistência feito em 1961, sendo, portanto, um posicionamento axiológico.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. Maputo/São Paulo: FBLP / Via Atlântica, 1999.

CHAVES, Rita & MACÊDO, Tania. (org.) *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte & Ciência / Via Atlântica, 2003.

FIDALGO, Sérgio. *Angola – 11 meses de cativeiro*. Lisboa: Oficina do Livro, 2011.

FORTUNATO e ANDRADE. *Narração histórica, narração literária: uma aproximação possível*. IN: *Revista de história*; João Pessoa, jan-jun, 2009.

LOPES, Nei. *Novo dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto (Org.). *Antologia da memória poética da Guerra Colonial*. Porto: Afrontamento, 2011.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma História de Regressos*. Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo. Porto: Afrontamento, 2004.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem / língua?* IN: *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019. pp. 234-265.

77

Artigo recebido em 25 de fevereiro de 2021.

Artigo Aprovado em: 08 de junho de 2021.

